

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA INFÂNCIA E O ENCAMINHAMENTO PARA PSICOTERAPIA: UM ESTUDO DE CASO¹

Thais Rosana dos Reis

Graduanda do 10º semestre em Psicologia da Setrem. Endereço Postal: Rua Osvaldo Cruz, 1177 –
Bairro Centro, Três de Maio – RS. CEP 9910-000.

E-mail: <thaisrosana@hotmail.com.br>.

Fernanda Aparecida Szareski Pezzi

Psicóloga, mestre em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos),
professora no curso de Graduação em Psicologia da Sociedade Educacional Três de Maio (Setrem), RS.

Endereço Postal: Avenida Santa Rosa, 2405, Três de Maio - Centro. CEP 98910-000.

E-mail: <nandaszareski@yahoo.com.br>.

RESUMO

As dificuldades de aprendizagem apresentam grande incidência na infância e o encaminhamento para psicoterapia é uma das alternativas utilizadas a fim de solucionar essa questão. Diante deste contexto, esse estudo buscou entender as dificuldades de aprendizagem na infância e o encaminhamento para a psicoterapia, na percepção de uma criança, sua família e sua professora. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e transversal, com delineamento de estudo de caso. Os participantes foram um menino de nove anos, denominado de Caminhoneiro, sua mãe e sua professora. Para coleta de dados utilizou-se da ficha de contato inicial, da anamnese, uma entrevista semiestruturada e o diário de campo. Através da análise de dados qualitativa, os resultados foram agrupados em três categorias: 1) Compreendendo as dificuldades de aprendizagem; 2) A relação criança-família-escola, e o 3) O encaminhamento para psicoterapia. A partir dos resultados foi possível compreender que o encaminhamento de Caminhoneiro para a psicoterapia decorreu das dificuldades de aprendizagem, porém quando a escola e família trabalharam em conjunto, o menino começou a sentir-se motivado a aprender. Destaca-se a relevância do diálogo e da relação aluno-família-escola, bem como, do trabalho do psicólogo dentro das instituições de ensino e as suas contribuições nestas situações.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem, Psicoterapia, Infância, Fracasso escolar

A escola pode ser considerada uma das mais importantes instituições sociais, pois ela faz a mediação entre o indivíduo e a sociedade, ocupando um lugar central no desenvolvimento de crianças e adolescentes (Asbahr & Nascimento, 2013). Ela transmite cultura, valores morais, possibilitando que a criança seja humanizada, socializada e também educada. Trata-se de um

importante local de troca de informações e de aprendizado, pois nela são formuladas grande parte das respostas às perguntas necessárias à compreensão da vida, da sociedade e do cotidiano (Bock, Furtado, & Teixeira, 2010). Na escola, a aprendizagem é perpassada de educador para educando e na relação entre colegas. Assim, no processo de aprendizagem sempre estão envolvi-

1 Artigo derivado do Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação em Psicologia da Setrem.

dos pelo menos dois personagens - o ensinante e o aprendente - em um processo vincular, em que se articulam os aspectos orgânicos, corporais, intelectuais e desejante dos sujeitos, que por sua vez estão incluídos numa estrutura mais ampla que é a família, que também está inserida numa estrutura maior o sistema sócio-econômico-educativo (Fernández, 1991).

Nesta perspectiva, no Brasil milhões de crianças vão mal na escola, repetem o ano letivo ou desistem de estudar antes de concluir o ensino fundamental (Braga, Scoz, & Munhoz, 2007). Algumas das causas são atribuídas às dificuldades de aprendizagem, transtornos da aprendizagem ou mesmo ao fracasso escolar. Dificuldades essas que não necessariamente estão relacionadas com a ocorrência de um diagnóstico clínico como o Transtorno Específico da Aprendizagem, estabelecido no DSM-5. De acordo com Ballone (2005) muitas crianças que demonstram dificuldade de aprendizagem no início da vida escolar, não têm um problema neuropsiquiátrico, elas apenas necessitam de uma atenção diferenciada. Dessa maneira, precisa ser investigado quais são os problemas para que possam ser desenvolvidas essas habilidades. Como abordam Coll, Palacios e Marchesi (1996), a criança é a última responsável pelo seu próprio processo de aprendizagem, ela precisa construir o seu conhecimento, porém, nem todas as maneiras de ensinar contribuem para o desdobramento da aprendizagem, do mesmo modo que nem todas as famílias auxiliam neste processo de aprender.

Diante do exposto, a problemática que envolve as dificuldades de aprendizagem, bem como, o conseqüente fracasso escolar precisam ser analisados a partir de uma perspectiva multi-dimensional e da sua complexidade tendo em vista que muitos aspectos se interconectam na sua produção (Pezzi, Donelli, & Marin, 2016). Embora a culpabilização do aluno e da sua família ainda sejam recorrentes na literatura (Pezzi et al., 2016) como evidenciam Asbahr e Lopez (2006) e Perez (2012) é necessário que o fenômeno seja analisado considerando as variáveis extraescolares como às questões biológicas, sociais e emocionais dos alunos e suas famílias, bem como às variáveis intraescolares, vinculadas ao contexto escolar e meio social (Fernández, 1991; Osti & Brenelli, 2013; Vieira et al., 2012). Destaca-se que a relação família-escola é fundamental para uma escolarização bem sucedida, uma vez que são

contextos primordiais para o desenvolvimento dos seres humanos (Marcondes & Sigolo, 2012; Perez, 2012).

A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA DIANTE DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

A família e a escola são duas instituições essenciais nos processos evolutivos das crianças, os quais atuam como propulsores ou mesmo inibindo o crescimento físico, intelectual e cognitivo (Polonia & Dessen, 2005). A família é o local em que acontecem as primeiras aprendizagens da vida do sujeito, dependendo estas dos pais ou dos responsáveis (La Rosa, 2006). Por sua vez, a escola é um local onde as crianças investem seu tempo, se envolvem em várias atividades formais, informais e também de lazer, de modo que não é apenas na família que a criança tem a oportunidade de ter experiências novas e ter um desenvolvimento cognitivo.

De acordo com José e Coelho (2001) é a família que proporciona as experiências educacionais para a criança, as quais têm um sentido de orientá-las e também dirigi-las, neste contexto se realizarão as aprendizagens básicas (Braga et al., 2007). E, relacionando aprendizagem e família pode-se afirmar que educar “vai muito além de prover os meios para a criança vir ao mundo e ser mantida nele, é um processo e, dentro desse estamos inseridos, enquanto família e escola, pois as crianças aprendem de acordo com o que vivenciam com seus modelos de identificação” (Casarin, 2007, p. 25). Desse modo, as crianças e os adolescentes observam e analisam as atitudes, os comportamentos sociais e profissionais dos adultos com os quais convivem. Destaca-se, a importância dessa relação familiar, uma vez que pesquisas evidenciam que a qualidade dos cuidados familiares recebidos por uma criança em seus primeiros anos de vida é de vital importância para sua saúde mental (Braga et al., 2007). São os pais que têm a função de fundamentar e consolidar a personalidade da criança (Casarin, 2007, p. 25).

Assim, quando uma criança apresenta dificuldades escolares, é importante convocar a família desse aluno para obter dados do sistema familiar, e juntos refletir sobre as dificuldades,

buscar e criar estratégias para possibilitar o sucesso escolar (Andrada, 2005). A autora também destaca a importância de estabelecer um espaço de diálogo entre família-escola para discutir acerca das dificuldades, não culpando somente o aluno pelo seu fracasso escolar. Outro aspecto importante a ser avaliado é o histórico escolar da criança, a fim de investigar se a dificuldade escolar vem de outras etapas escolares, ou em que momento teve seu início (Andrada, 2005).

AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E O ENCAMINHAMENTO PARA PSICOTERAPIA

O encaminhamento para escolas e clínicas especializadas tem sido uma estratégia recorrente para as supostas dificuldades de aprendizagem (Osti & Brenelli, 2013). Nesta perspectiva, Osti e Brenelli (2013) destacam que muitas crianças encaminhadas para atendimento não possuem necessariamente um problema de aprendizagem, o que pode vir a comprometer o seu desempenho escolar ou mesmo a sua autoestima, bem como, ocasionar problemas comportamentais e o desinteresse desse aluno em aprender. Muitas vezes esse encaminhamento o qual não se tem o diagnóstico concreto, decorre da falta do entendimento de alguns professores sobre as dificuldades de aprendizagem. Nesta perspectiva, vários autores atentam para a necessidade de outras formas de compreensão das dificuldades de escolarização que não sejam as relacionadas com a psicologização ou medicalização da educação (Asbahr & Lopes, 2006; Pezzi et al., 2016; Osti & Brenelli, 2013).

Cabe destacar que ao falar de inteligência, desejo e corporeidade estão envolvidos os intercâmbios afetivos e cognitivos com o meio e não apenas aos aspectos orgânicos (Fernández, 1991). Acontece que muitas vezes a escola apela somente ao cérebro focando no currículo, com isso, amarra-se o corpo dos educandos a suas carteiras, não permitindo que eles possam expandir-se, provar-se, excluindo os aspectos corporais e psíquicos nas aprendizagens (Fernández, 1991). “Para a criança se reconhecer como autora de pensamento é necessário que um outro a acompanhe, reconhecendo-a como autora” (Braga et al., 2007, p. 154).

Nesta perspectiva, o sofrimento advindo das dificuldades de aprendizagem e do fracasso

escolar é testemunhado por pesquisadores e clínicos (Bossa, 2002, Pezzi et al., 2016, Osti & Brenelli, 2013). Osti e Brenelli (2013) revelaram que os alunos com dificuldade de aprendizagem apresentaram uma visão negativa de si mesmos, pois se percebiam como maus alunos, na medida em que acreditavam que eram menos elogiados e recebiam mais críticas dos seus professores. Bossa (2002) complementa essa ideia ao afirmar que essas crianças ao serem vistas como deficientes ou incapazes acabam sendo oprimidas e marginalizadas pelo sistema escolar o que é gerador de muito sofrimento. Constatou-se que a dificuldade para ler e compreender os conteúdos desenvolvidos pelos professores cria um vazio, uma brecha, que acaba sendo tamponado com comportamentos não adequados e desviantes, se opondo aos limites e às regras escolares (La Rosa, 2006). Para Ballo (2005) muitas crianças as quais são sensíveis emocionalmente e também retraídas, começam a apresentar dificuldade de aprendizagem depois de vivenciarem alguma situação constrangedora que por vezes não é percebida pelos demais, pois trata-se de situações corriqueiras que atuam de forma diferenciada em cada criança.

Diante desse contexto, a partir do encaminhamento para o tratamento psicológico, cabe aos profissionais entender quais são as verdadeiras causas das dificuldades de aprendizagem, bem como buscar as melhores formas para trabalhar com as crianças. Segundo Coll et al. (1996) os psicólogos podem elaborar modelos e programas para realizar intervenções, buscando abrir caminho para uma práxis educativa coerente com as dificuldades de aprendizagem. Fernández (1991) também propõe um modelo de atendimento que envolve a interdisciplinaridade, onde o foco não está nos exames diagnósticos, mas na reflexão dos profissionais e a integração destes elementos num enfoque comum. Frente ao exposto, neste artigo, buscou-se através de um estudo de caso entender as dificuldades de aprendizagem na infância e o encaminhamento para a psicoterapia, na percepção de uma criança, sua família e sua professora.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e transversal, com delineamento de estudo de caso. No que se refere à pesquisa qualitativa exploratória, Gil (1991) salienta que é

através desta pesquisa que se pode ter uma visão geral do tema abordado, tendo como principal objetivo analisar de forma mais profunda o que está sendo estudado. O estudo de caso é compreendido por Yin (2005) como uma investigação de um fenômeno contemporâneo através de seu contexto da vida real, sendo uma estratégia de pesquisa abrangente, dentre elas as técnicas de coletas de dados até mesmo a análise das mesmas.

PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa uma criança do sexo masculino, com nove anos de idade, sua família (representada pela sua mãe) e sua professora, compondo o total de três participantes. Como critérios de inclusão para criança foram observados os seguintes critérios: a) ter sido encaminhada para atendimento psicológico pela escola com a demanda de dificuldade de aprendizagem sendo que poderia estar na fila de espera ou já em psicoterapia, e concordasse em participar do estudo; b) ter idade entre oito e 11 anos de idade, considerando que o período inicial de entrada na escola normalmente está relacionado à adaptação escolar. Os critérios de exclusão foram: a) ter algum tipo de deficiência intelectual; b) não ter sido encaminhada para atendimento psicológico.

INSTRUMENTOS

Ficha de contato: Nesta ficha foram registrados o nome, telefone e endereço do participante da pesquisa, bem como, de seu responsável.

Anamnese: Consiste em uma entrevista que teve como objetivo registrar os fatos marcantes da vida da criança participante e foi realizada com a mãe.

Entrevista semiestruturada: A entrevista semiestruturada elaborada pela pesquisadora foi constituída por seis questões que visavam identificar a compreensão de dificuldade de aprendizagem e encaminhamento para psicoterapia, tanto para a criança, sua família e sua professora. Também buscou investigar a relação família e escola, e as práticas educativas utilizadas para as crianças com dificuldade de aprendizagem. A entrevista foi gravada em áudio, depois transcrita e analisada.

Diário de campo: Foi utilizado pela pesquisadora com o intuito de registrar todos os detalhes observados, bem como os sentimentos da mesma durante toda a pesquisa.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS E DE COLETA DE DADOS

Inicialmente foi solicitada à equipe diretiva de uma escola estadual localizada no município de Três de Maio, a autorização através do Termo de Concordância da Instituição para realização do estudo naquela instituição. Foram explicitados os objetivos da pesquisa e a pesquisadora se comprometeu em assegurar todos os princípios éticos nas pesquisas que envolvem seres humanos, conforme a Resolução 466/2012. O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética indicado pelo Conselho Nacional de Estudos e Pesquisa (CONEP), no caso o Comitê de Ética da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI) e aprovado sob protocolo número 1.104.360.

Após a aprovação do mesmo, foi solicitada a Escola a autorização para contatar com a família da criança que recebeu encaminhamento psicológico por esta escola em função de apresentar dificuldades de aprendizagem na escola. Em seguida, foi realizado um contato telefônico com essa família explicando o objetivo da pesquisa e agendando um horário bem como um local de preferência da mãe, para o contato inicial com a pesquisadora, e após o aceite, responder aos instrumentos no local de sua preferência. Destaca-se que a fim de cumprir com o critério da seleção relacionado à exclusão da deficiência intelectual, foi aplicado inicialmente na criança o Teste de Inteligência Não-Verbal (R2), que se propõe a avaliar o potencial de inteligência da criança, sendo na faixa etária de cinco a 10 anos e 11 meses. O objetivo deste teste foi excluir crianças que possuíam indícios de deficiência intelectual. Cumprido esse critério, a pesquisa teve continuidade com a aplicação dos demais instrumentos. Cada participante foi informado sobre os objetivos da pesquisa, riscos e benefícios e tiveram a garantia da participação voluntária, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a criança também assinou o Termo de Assentimento, específico para menores de 18 anos, e sua mãe também autorizou a sua participação. Caso ocorresse algum desconforto em decorrência da pesquisa, os participantes, se assim o desejassem, poderiam ser encaminhados para atendimento psicológico.

ANÁLISE DE DADOS

A análise envolveu a triangulação dos dados obtidos por todos os instrumentos utilizados pela pesquisadora. Para análise foi realizada uma análise de conteúdo qualitativa com base em Laville e Dione (1999). Para esses autores o princípio da análise de conteúdo “consiste em desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação” (Laville & Dione, 1999, p. 214). Assim, cabe ao pesquisador organizar e explorar o material obtido, agrupar os elementos em função da sua significação, considerando as categorias definidas. Nesse sentido, foram adotadas categorias pré-definidas conforme o objetivo do estudo, que consistiram em: 1) Compreendendo as dificuldades de aprendizagem; 2) A relação criança-família-escola; e 3) O encaminhamento psicoterapia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo entender as dificuldades de aprendizagem na infância e o encaminhamento para a psicoterapia, na percepção de uma criança, sua família e da sua professora. Inicialmente será apresentado o caso da criança estudada. Os nomes utilizados são fictícios a fim de resguardar a identidade dos participantes, as falas foram identificadas por sigla: Criança (C1), Mãe (M1) e Professora (P1). Na sequência, serão apresentados os resultados e a discussão a partir das três categorias definidas a priori: 1) Compreendendo as dificuldades de aprendizagem; 2) A relação criança-família-escola, 3) O encaminhamento para psicoterapia.

A HISTÓRIA DE CAMINHONEIRO

Caminhoneiro é uma criança com nove anos de idade, que mora somente com sua mãe. Seus pais estão separados há um pouco mais de um ano, e assim ele passa todos os sábados com seu pai. Atualmente, Caminhoneiro está frequentando o quarto ano e tem dificuldades para escrever e ler, ele reprovou no terceiro ano, pois de acordo com a sua mãe ele não tinha condições de passar, nas palavras dela: “*Eu fui até a escola e pedi que reprovassem ele no terceiro ano, pois ele não tinha condições de passar de ano*” (M1).

Sobre a história progressa do menino, sua mãe conta que teve uma gestação e um parto tranquilo, todo o desenvolvimento de Caminhoneiro ocorreu de forma saudável. Com cinco anos de idade, ele começou a frequentar a escola. Sobre esse tema, de acordo com o discurso da mãe, os avós paternos e o pai de Caminhoneiro diziam constantemente para ele que, para ser fazendeiro igual seus avós ou ser caminhoneiro igual o pai ele não precisava estudar, então quando seus professores tentavam alfabetizá-lo ele dizia que não precisava aprender a ler, que ele não queria aprender a ler. Então, quando o menino tinha em torno de sete anos de idade, seu pai começou a ter um caso com outra mulher e ele chegou a presenciar o “namoro” de seu pai, porém não podia falar nada para sua mãe. Passaram-se alguns meses e seus pais se separaram. Segundo a mãe a separação não foi difícil para Caminhoneiro, ele mesmo afirmava que não queria que sua mãe ficasse com o pai.

No ano de 2014, através de uma estagiária de psicologia e a pedido da escola ele foi encaminhado para uma consulta com um neurologista, em função das suas dificuldades de aprendizagem. Este médico encaminhou Caminhoneiro para uma avaliação na APAE, onde fez todos os exames e não foi constatado nenhum problema neurológico, ao mesmo tempo, em que foi solicitado o acompanhamento psicológico e fonoaudiológico. No Teste de Inteligência Não-Verbal (R-2) utilizado pela pesquisadora seu desempenho intelectual ficou em nível médio em comparação com as crianças da sua idade.

Assim, no momento da realização da pesquisa, o menino estava recebendo somente acompanhamento psicopedagógico, pois segundo a mãe ele não gostava de ir ao atendimento psicológico. Ela afirma: “*Ele não gosta de ir na psicóloga, porque ela só fica perguntando da sua família, e ele não quer falar sobre sua família*” (M1). Com relação à escola, a mãe afirma que a professora de Caminhoneiro está utilizando didáticas e incentivando ele a estudar, e esse ano ele começou a escrever, formar frases e pequenos textos.

COMPREENDENDO AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

A criança pode não aprender porque surgem dificuldades que se entrelaçam na trama de seu grupo familiar (Fernández, 1991). Nesta perspectiva, Asbahr e Nascimento (2013) com base na

teoria histórico-cultural consideram que o desenvolvimento infantil não é um processo linear, uma vez que existem metamorfoses e revoluções radicais pelas quais a criança irá passar a fim de garantir a sua transformação de um ser biológico em ser social. Neste processo, o estímulo, a ação e as relações do ambiente em que a criança está inserida serão fundamentais. Sendo assim, não se pode considerar somente organismo ou inteligência, se deve pensar no todo, na sua estrutura que dá sustentação para seu aprender, bem como na situação dificultosa que surge da mesma.

Desse modo, neste caso estudado, de acordo com a mãe e a professora, Caminhoneiro não demonstrava vontade em aprender, pois, tanto os avós paternos como seu pai o influenciam dizendo que não é necessário o estudo para ser caminhoneiro ou fazendeiro. A professora afirma “*Não é uma fala da mãe, é uma fala do pai, o pai não mora com a família, são separados, uma fala dos avós paternos. Então eu senti que ele não tinha nem desejo. Que ele negava isso*” (P1). Segundo a professora ele se negava a fazer as atividades propostas por ela, e no momento em que negava falava que queria ser caminhoneiro como o pai, e para isso ele não precisaria estudar. Diante deste contexto, ela demonstra querer ensiná-lo “*A gente percebe que o pai coloca na cabeça dele de ir morar com ele e os avós, que ele não vai precisar estudar, aí eu conto algumas histórias na sala, da importância de estudar, valorizar a mãe e o pai*” (P1).

Sobre o “não querer aprender”, Asbahr e Nascimento (2013) apontam que a criança terá incentivo a aprender a partir de uma linha histórico-cultural e de uma linha biológica do desenvolvimento. Essas linhas se diferenciam, pois, o desenvolvimento no sujeito terá avanços se ele se apropriar desse significado em suas atividades desenvolvidas. No caso, Caminhoneiro se apropriou dos significados do pai, e construiu sua linha histórico-cultural partindo do que ouvia e enxergava o pai falar e fazer.

Diante da dificuldade de aprendizagem, o menino traz que gosta mais ou menos de ir à escola, e quando é questionado sobre o porquê ele diz “*porque de vez em quando eu acho difícil*” (C1). Tal fala denota que o menino apresenta e reconhece suas dificuldades escolares e por isso acaba se negando a fazer algumas atividades ao invés de correr o risco de errar. Nesta perspectiva, Asbahr e Nascimento (2013) destacam que a função da escola não é esperar que a criança amadureça, mas

a de criar condições para que a maturação se efetive. Os autores afirmam que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores não podem ser compreendidas somente pela maturação estrutural, ao contrário, elas decorrem de um “processo de reequipamento cultural possibilitado pelo conteúdo das relações interpessoais apropriadas pelos indivíduos” (Asbahr e Nascimento, 2013, p.423).

“*Eu sempre procuro fazer atividades em casa com ele (...) estou fazendo de tudo pra ajudar ele melhorar na escola*” (M1), essa fala da mãe denota a sua preocupação com a aprendizagem do filho. Tal como evidenciou a pesquisa de Marcondes e Sigolo (2012) muitos pais mostram-se interessados na escolarização dos filhos e buscam atender aos pedidos realizados pela escola, valorizando a educação das crianças. Essa atitude é muito importante, uma vez que a família deve ser a principal fonte de suporte aos filhos, auxiliando-os no seu desenvolvimento (Santos & Marturano, 1999).

Nesse sentido, os professores também são fundamentais para a aprendizagem da criança. Ao falar sobre a aprendizagem de Caminhoneiro a professora relata: “*No início do ano letivo ele se negava né, ele dizia que ele não precisava aprender a ler, que pra ser caminhoneiro não precisava, que pra ser fazendeiro não precisava aprender a ler, que o pai dele dizia isso pra ele que enfim, era uma fala familiar né. Aí no início do ano a luta foi fazer ele ter esse desejo, ele não é alfabetizado, lê palavras simples assim, junta sílabas simples, confunde letras. Não sei se isso não era cobrado, se ele não quer, mas ele tinha dificuldades. (...). Comecei pelo nome, pelas letras do alfabeto, aí tem dias que ele acompanha (...). Então tudo depende do dia de como eu consigo lidar, são 25 alunos e tem 7 que não sabem ler. Mas no caso dele era essa coisa.*” (P1). Essa fala revela aspectos importantes sobre a escola, pois demonstra uma preocupação com o aluno, não apenas com a sua reprovação ou aprovação, mas que ele realmente pudesse aprender. A professora percebeu que o aluno não manifestava interesse em aprender a ler, e foi em busca da família, pois entendeu a necessidade de um bom relacionamento entre família-escola para melhorar a aprendizagem.

Conforme Osti e Brenelli (2013) o processo de ensino-aprendizagem envolve tanto alunos quanto professores num movimento em que as reflexões são primordiais, pois para aprender o sujeito precisa interagir com o outro. Sendo que, as interpretações, as percepções e a afetividade

dos professores em relação aos seus alunos podem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem (Osti & Brenelli, 2013). Neste caso, apesar da escola não conseguir oferecer um suporte mais individualizado com o aluno, procurou auxílio para que ele pudesse ter desejo em aprender, buscando didáticas que fizessem com que ele se sentisse motivado a buscar novos conhecimentos.

A RELAÇÃO CRIANÇA-FAMÍLIA-ESCOLA

A relação família-escola é de suma importância no desenvolvimento da criança (La Rosa, 2006). Segundo a professora esse ano Caminhoneiro começou a aprender e se interessar um pouco mais pelo vínculo que ela tem com a família através da avó materna: *“Eu acredito que eu consegui uma coisa a mais com a família pelo vínculo com a vó”* (P1). Nesse sentido, a mãe conta que a família paterna sempre falou para ele que ele não precisava estudar, porém a partir do ano passado ela e sua mãe (avó materna) estão buscando alternativas para que ele possa aprender: *“A minha mãe está fazendo de tudo por ele”* (M1), e através de todo esse esforço está tendo resultado: *“Hoje ele já está fazendo frase, e começando a fazer pequenos textos”* (M1).

Segundo a fala da mãe hoje o pai também está mudando em relação à aprendizagem do menino, uma vez que nos finais de semana quando o pai e o menino estão juntos ele busca incentivar o menino a ler: *“Quando ele chegou em casa ele me disse que tinha saído de caminhão com o pai e que lia todas as placas para o pai ver que ele estava aprendendo”* (M1). Esses depoimentos denotam que a boa relação e comunicação entre família-escola foi de suma importância para que Caminhoneiro começasse a ler. Assim, Osti e Brenelli (2013), afirmam que a aprendizagem se baseia na relação entre o professor e o aluno, juntamente com a família. E essa relação deve ser mantida pela troca de conhecimentos, conteúdos e afetos.

O ENCAMINHAMENTO PARA PSICOTERAPIA

O encaminhamento para a psicoterapia tem sido uma das alternativas encontradas pela escola diante das dificuldades de aprendizagem. No que se refere ao Caminhoneiro, a partir de uma intervenção de uma estagiária de psicologia ele foi encaminhado para avaliação médica. Nessa avaliação se constatou que ele não tinha nenhum

problema cognitivo, mas que precisava de acompanhamento psicológico e fonoaudiológico. Sobre isso, a professora ressalta que o encaminhamento para psicologia já havia sido também um pedido anterior da escola. *“Foi um encaminhamento a partir de uma estagiária de psicologia, e do neurologista. A escola vem insistindo há muito tempo (...) acho que é essencial, eu disse pra mãe, ele já reprovou uma vez, tá na quarta série já, e então reprovar por reprovar, a gente tem que fazer uma coisa (...). O neuro fez o encaminhamento pra Apae, ele precisava de uma avaliação (...) foi que lá na Apae disseram que ele não tem nada, que ele foi mal alfabetizado”* (P1).

Historicamente a atuação do psicólogo dentro das escolas é caracterizada através de uma prática diagnóstica, com testes ou laudos, os quais visavam medir a capacidade dos alunos, determinar os aptos ou não para aprender, enfatizando a responsabilidade do aluno e da sua família (Andrada, 2005; Cruz & Borges, 2013). Cruz e Borges (2013) ainda afirmam que a prática distorcida do psicólogo, aliado à falta de informação, seja do corpo docente ou da família, pode prejudicar o aluno. Urge então a necessidade de que psicólogo atue sob outro paradigma, não mais com foco exclusivo no tratamento do aluno problema, mas considerando a causalidade circular, o aluno como um ser relacional, integrado nos seus sistemas: família e escola (Andrada, 2005). Assim, ao trabalhar com as dificuldades de aprendizagem, cabe ao psicólogo escutar e ver tudo que está em volta do sujeito, sem atribuir erros somente ao aluno, ou à família, ou à escola.

De acordo com a mãe o encaminhamento para psicoterapia foi bem aceito pela família, pois eles tinham interesse em ajudar ele: *“Foi bem tranquilo pra mim receber a notícia que ele precisava de acompanhamento psicológico, fizemos de tudo para descobrir o que ele tinha.”* (M1). De acordo com a mãe toda a família aceitou o encaminhamento e foram buscar ajuda profissional fora da escola, como o próprio menino não quis ir fazer atendimento com a psicóloga estão pagando a psicopedagoga para auxiliar ele nas dificuldades de aprendizagem.

A partir do encaminhamento do aluno com dificuldades de aprendizagem, Cruz e Borges (2013) destacam a necessidade de trabalhar com o contexto do sujeito, no intuito de estabelecer uma nova forma de entender a queixa escolar: abandonar o foco do indivíduo e ultrapassar os muros da escola. Além disso, ressalta-se a impor-

tância da atuação do psicólogo dentro da escola, já que deste modo possibilitaria a compreensão das reais dificuldades de aprendizagem e a intervenção poderia auxiliar tanto a escola, quanto a criança e sua família, para que esse processo de ensino-aprendizagem viesse a ser concluído com o sucesso ao qual se espera.

Pode-se afirmar que, neste caso, o acompanhamento de Caminhoneiro foi importante, mesmo que ainda não o psicológico, mas o psicopedagógico. Trata-se de uma profissional que está ajudando ele nas atividades, escutando esse menino, já que nesse espaço ele está conseguindo manifestar os seus desejos. Além disso, possibilitou a utilização de didáticas que auxiliam o Caminhoneiro na construção da sua aprendizagem, influenciando consequentemente nas práticas da família e da escola. A intervenção deve ir além do sujeito, ultrapassar o consultório e adentrar no contexto social da criança, buscando a fonte e o foco do problema (Cruz & Borges, 2013). Por fim, ressalta-se a mudança de comportamento e o empenho de toda a família diante deste caso, bem como o estabelecimento do vínculo família-escola e, especialmente a posição da professora da turma que demonstra interesse em ensinar Caminhoneiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente estudo foi entender as dificuldades de aprendizagem na infância e o encaminhamento para a psicoterapia, na percepção de uma criança, sua família e sua professora, a partir de um estudo de caso: O Caminhoneiro. Através do presente caso pode-se constatar que a criança vinha apresentando dificuldade para aprender a ler, não demonstrava interesse e quando era exigido pela escola dizia que não precisava, pois queria ser caminhoneiro assim como o pai. Assim, a partir do momento em que a escola estabeleceu um vínculo com a família e juntos encontraram alternativas para que o menino se interessasse em ler, ele começou a aprender. De acordo com Polonia e Dessen (2005) a escola e a família devem trabalhar em parceria no que se refere ao processo de educar a criança, e não uma intervir no trabalho da outra, pois não adianta a escola ter uma boa didática e um bom planejamento escolar, se quando a criança chega em sua casa não há apoio e amparo para que ocorra a aprendizagem.

De acordo com Silva e Moreira (2013) tanto a escola quanto a família são fundamentais no desenvolvimento da criança e ambas influenciam no comportamento do sujeito. Através desse caso foi possível perceber que Caminhoneiro repetia um discurso relacionado à falta de desejo de aprender a ler e começou a apresentar maior dificuldade na escola quando seus pais passavam pelo processo de separação. Contudo, no momento em que se conseguiu estabelecer uma relação saudável entre as duas instituições, ele começou a sentir-se motivado a aprender.

Assim, como lembram Osti e Brenelli (2013) muitas das crianças com dificuldades de aprendizagem, acabam desacreditando na sua capacidade de aprender em função das representações de si mesmas, que foram constituídas no ambiente escolar. Neste caso, quando tanto a escola quanto à família conseguiram entender e trabalhar com essa dificuldade do menino, houve um resultado satisfatório tanto para escola, quanto para família, mas principalmente para o Caminhoneiro. Ressalta-se também a importância da modificação do discurso do pai, que passou a incentivar mais o menino a estudar, conforme o relato da mãe.

Diante das considerações apresentadas, ressalta-se ainda a importância do psicólogo atuar dentro do contexto escolar, uma vez que ele poderá investigar de modo sistemático as dificuldades de aprendizagem considerando a sua complexidade, bem como auxiliar os profissionais da escola, a criança e a sua família. A partir do momento em que todos estão implicados num objetivo em comum torna-se possível atingir o resultado esperado, no caso o sucesso escolar e o bem estar das crianças.

REFERÊNCIAS

- Alves, Z., M., M., B. (1997). Contribuições da Psicologia ao cotidiano da escola: necessárias e adequadas? *Paidéia*, 77-96.
- Andrada, E., G., C. (2005). Novos Paradigmas na Prática do Psicólogo Escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 196-199.
- Andrada, E., G., C. (2003). Família, Escola e a Dificuldade de Aprendizagem: Intervindo Sistemicamente. *Psicologia Escolar e Educacional*, 7(2), 171-178.
- American Psychiatric Association (APA). (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. DSM-5. (5ª edição). Porto Alegre: Artmed.

- Asbahr, F. S. F., & Lopes, J. S. (2006). A culpa é sua. *Psicologia USP*, 17(1), 53-73.
- Asbahr, F. S. F., & Nascimento, C. P. (2013). Criança não é Manga, não Amadurece: Conceito de Maturação na Teoria Histórico-Cultural. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 33(2), 414-427.
- Ballone, J. G. (2005). Dificuldade de Aprendizagem. *Psiquweb*. Retrieved from: <http://psiquweb.med.br/>
- Bossa, N. A. (2002). *Fracasso escolar: Um olhar psicopedagógico*. Porto Alegre: Artmed.
- Braga, S. S., Scoz, B. J. L., & Munhoz, M. L. P. (2007). Problemas de Aprendizagem e suas Relações com a Família. *Revista Psicopedagogia*, 24(74), 149-159.
- Brasil (2012). Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução 466*. Retrieved from <http://conselho.saude.gov.br/resoluces/2012/Reso466.pdf>
- Bock, A. M. B., Furtado, O., & Teixeira, M. L. T. (2010). *Psicologias*. São Paulo: Editora Saraiva.
- Casarin, N. E. S. (2007). *Família e Aprendizagem Escolar. Dissertação de Mestrado*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Coll, C., Palacios, J., & Marchesi, A. (1996). *Desenvolvimento Psicológico e Educação*. Vol. 2. Porto Alegre: Artmed.
- Cruz, D. R. F., & Borges, L. C. (2013). A queixa escolar: Reflexões sobre o atendimento psicológico. *Psicologia Argumento*, 31(72), 79-87.
- Dias, M., O. (2011). Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica: o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, 19, 139-156.
- Fernández, A. (1991). *A Inteligência Aprisionada*. Porto Alegre: Artmed.
- Gil, A.C.(1991). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- José, E. A., & Coelho, M. T. (2001). *Problemas de Aprendizagem*. São Paulo: Editora Àtica.
- La Rosa, J. (2003). *Psicologia e Educação*. Porto Alegre: EdiPucrs.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas* (L. M. Siman, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Marcondes, K. H. B., & Sigolo, S. R. R. L. (2012). Comunicação e Envolvimento: Possibilidade de Interações entre Família-escola? *Paidéia* 22(51),91-99.
- Osti, A., & Brenelli, R., P. (2013). Sentimento de quem fracassa na escola: análise das representações de alunos com dificuldade de aprendizagem. *Psico-USF* 18(3), 417-426.
- Perez, M. C. A. (2012). Infância e escolarização: Discutindo as relações família, escola e as especificidades da infância na escola. *Práxis Educacional* 8(12), 11-25.
- Pezzi, F. A. S., Donelli, T. M. S., & Marin, A. H. (2016). The school failure in the perception of adolescents, their parents and teachers. *Psico-USF* 21(2), 319-330.
- Polonia, A., C., & Dessen, M., A., (2005). Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. *Psicologia Escolar Educacional* 9(2), 303-312.
- Ribeiro, D. F., & Andrade, A. S. (2006). A assimetria na relação entre família e escola pública. *Paidéia*, 16(35), 385-394.
- Santos, L. C., & Marturano, E. M., (1999). Crianças com dificuldade de aprendizagem: um estudo de seguimento. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 12(2).
- Silva, D. G., Moreira, & M. G. A. (2013). *Escola e família: parceiras no processo de aprendizagem do aluno*. Trabalho apresentado no III Congresso de Educação, IV Seminário de Estágio e I Encontro do PIBID, p. 258-263. Retrieved from: <http://www.anais.ueg.br/index.php/congressoeducacaoipora/article/viewFile/4366/2539>
- Stevano, I. S., Loureiro, S. R., Linhares, M. B. M., & Marturano, E. M. (2003). Autoconceito de crianças com dificuldade de aprendizagem e problemas de comportamento. *Psicologia em Estudo*, 8(1), 67-76.
- Vieira, M. F.A., Matijasevich, A., Damiani, M. F., Madruga, S. W., Neutzling, M. B., Menezes, A. M. B. Hallal, P. C. (2012). Prevalência de retenção escolar e fatores associados em adolescentes da coorte de nascimentos de 1993 em Pelotas, Brasil. *Revista Panamericana Salud Pública*, 31(4), 303-309.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso. Planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman.

Learning Difficulties in Childhood and Referral to Psychotherapy: A Case Study

ABSTRACT

Learning disability has a high incidence in childhood and referral for psychotherapy is one of the alternatives used to resolve this issue. Given this context, this study investigated learning disability in childhood and referral for psychotherapy, the child's perception, his family's and his teacher's. This is a qualitative research with exploratory and transversal features and a case study design. Participants were a nine years old boy, nicknamed "Trucker", his mother and his teacher. For data gathering, we used the initial contact form, history of a semi-structured interview and the field diary. Through qualitative data analysis, the results were grouped into three categories: 1) Understanding learning disabilities; 2) the relation child-family-school, and 3) referral to psychotherapy. From the results, it was possible to understand that the referral of *Trucker* to psychotherapy resulted from learning disabilities, but when the school and the family worked together, the boy began to feel motivated to learn. This work highlights the importance of dialogue and respects student-family-school relationship as well as the work of psychologists in educational institutions and their contributions in these situations.

Keywords: Learning disabilities, Psychotherapy, Childhood, School Failure